veja Rio

DEZEMBRO 1998

S	T	Q	Q	S	S	D
21	22	23	24	25	26	27

UNS POR TODOS

Como gente que conseguiu vencer a pobreza e a ignorância ajuda quem ainda não conseguiu

Ex-favelado, o físico Altair de Assis criou programas de reforço escolar para jovens pobres

PARTE INTEGRANTE DE VEJA ANO 31 - Nº 51 - RÉGIONAL DE VENDA SEPARADAMENTE

OPERAÇÃO RESGATE

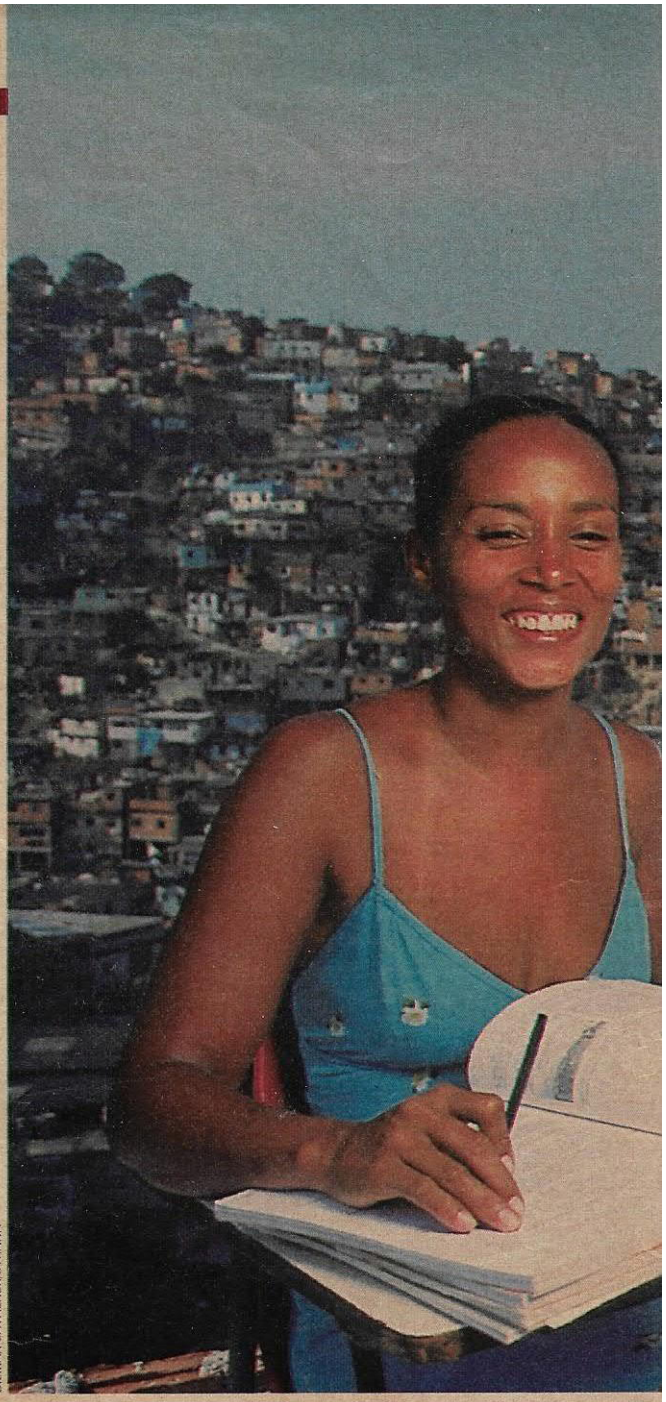
Gente que viveu a pobreza agora ajuda a combatê-la

MONICA WEINBERG E MARCELO CARNEIRO*

Quase todos foram pobres, portanto sabem muito bem o que é a pobreza. Alguns ainda são pobres, mas não são mais ignorantes. Todos fizeram uma viagem de circunavegação: romperam a barreira da pobreza ou da ignorância e voltaram ao reduto de onde vieram para tentar resgatar mais gente do atoleiro social. O mote é sempre o mesmo: se eles puderam, outros também podem. O físico Altair Souza de Assis, 45 anos, nasceu e foi criado no Corte Oito, um lugar miserável de Duque de Caxias. Fez doutorado na Suíça e cursos até na Nasa, meca da aventura espacial nos Estados Unidos, sinônimo de futuro quando se pensa em tecnologia. Em 1994, a idéia fixa de tirar gente como ele da escuridão da ignorância virou o Centro de Cooperação para o Desenvolvimento da Infância e da Adolescência, CCDIA, projeto de reforço escolar para jovens pobres. "Eu era um deles e digo que com trabalho duro todas as profissões são possíveis." É a mesma crença de Alan Brun, 29 anos, que a duras penas chegou à Faculdade de Ciências Sociais e já conseguiu uma façanha no Morro do Alemão: a aprovação de 91% de seus alunos no supletivo de 1° grau. Eliana Sousa e Léa Sousa da Silva vieram do Complexo da Maré e voltaram para lá animadas com a possibilidade de encarar um problemão: 40% dos 120 000 habitantes daquele entrelaçado rosário de favelas não sabem ler.

Essa gente tenta de alguma forma mudar o destino de milhares de ex-vizinhos. É uma gota d'água. No Rio há 4,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos. Destas, quase 1,8 milhão não completou o 1° grau, 635 000 têm no máximo três anos de estudos e 263 000 nem sequer pisaram numa sala de aula. Ainda assim, a cruzada de Altair, Alan, Elisa, Léa e outros está longe de ser inglória. Todos vivem com orçamento apertado e ainda encontram disposição para encurtar a distância entre o passado que tiveram e o presente que conquistaram. Não têm dinheiro para praticar mecenato social. São apenas solidários.

* *Colaborou Flávia Pinho*



DILMAR CAVALHER/STRANA

A melhor turma do Alemão

Estudante do 4° período de ciências sociais da Uerj, o professor Alan Brun, 29 anos, entrou no mundo da sociologia pela porta dos fundos. Funcionário do setor de mecanografia da Fundação Getúlio Vargas, de vez em quando matava o tempo dando uma espiada nos textos acadêmicos que tinha de xerocar a pedido dos alunos. Morador do Morro do Alemão, colina cravejada de barracos na Zona da Leopoldina que ganhou fama pela violência, Alan tentou três vezes o vestibular. Passou na última e tirou da teimosia uma lição: "Vale a pena tentar, tentar e tentar". É essa a receita que dá a seus alunos do Programa de Aumento da Escolaridade, projeto de ensino supletivo de 1° grau da Secretaria Municipal de Trabalho

Alan Brun

Idade: 29 anos
Profissão: professor de 1º grau

Projeto:
Programa de Aumento da Escolaridade, que oferece ensino supletivo a comunidades carentes

e do movimento Viva Rio, que, em agosto do ano passado, espalhou salas de aula por 144 comunidades de baixa renda da cidade.

O desempenho da primeira turma de 23 alunos formada com as lições de Alan, em maio deste ano, é espetacular. O índice de aprovação foi de 91%, muito superior à média de 37% alcançada pela maior parte das favelas incluídas no projeto ou aos 25% registrados pela rede oficial de ensino supletivo de 1º grau. Só dois alunos ficaram de recuperação e, mesmo assim, em apenas uma das cinco matérias do curso, que tem como clientela cativa donas de casa, garçons, cozinheiros e donos de pequenos negócios no morro. "O primeiro colocado e o orador da formatura saíram de lá. O mais impressionante é que eles trabalharam numa sala precária e abafada, condições bem piores que a média das outras turmas", espanta-se Maurício Lissovsky, coordenador da área de educação do Viva Rio e responsável pelo programa que hoje já atende a quase 300 favelas.

O feito de Alan surpreende os educadores, mas o que comove o professor do Morro do Alemão é a determinação dos alunos da turma campeã. "São todos adultos, eles têm consciência de que perderam várias oportunidades na vida por falta de estudo, mas acreditam que ainda há chance, por isso trabalham o dia inteiro e varam a noite estudando", lembra Alan, que às vezes não encontra a mesma disposição entre os jovens a quem também costuma ensinar, o que é um motivo de preocupação. O professor foi pai aos 17 anos, teve amigos que entraram no tráfico de drogas e morreram com essa idade e sabe o quanto é difícil manter um garoto na sala de aula: "Dou duro a semana toda, quase não vejo meu filho, que já tem 12 anos, mas no domingo passo o dia inteiro cobrando dele a lição da escola. A vida aqui no morro é assim, não dá para descuidar".

Nadando contra a maré

No início do ano, uma casa de 800 metros quadrados encravada no Morro do Timbau, uma das quinze favelas que compõem o gigantesco Complexo da Maré, em Bonsucesso, era o retrato do abandono. Um monte de material de construção virando pó. Aí entraram em cena Eliana Sousa, 36 anos, e Léa Sousa da Silva, 38 anos, ambas donas de um canudo da Faculdade de Letras da UFRJ. Ao lado de um grupo crescido na área e com diploma universitário, elas transformaram o elefante branco no Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, Ceasm, que começou em fevereiro como cursinho pré-vestibular e, menos de um ano depois, engordou suas atividades com aulas de informática, *Telecurso Segundo Grau*, capoeira, dança, artes plásticas e línguas. "Trouxemos o projeto de línguas que já existia na UFRJ, com bolsistas pagos por eles ensinando na Maré", diz Léa, funcionária do departamento de letras e moradora da área. Eliana, que trocou há quatro anos a Maré por um apartamento em Niterói, também é boa de "articulação", palavra que povoa seu discurso de ex-líder comunitária.

Quando ocupou a cadeira de presidente da associação de moradores, na década de 80, fez barulho para exigir da Light postes de luz para a Maré, onde hoje, mesmo como ex-moradora, vara madrugadas falando de um tema para ela obsessivo: os 40% dos 120 000 moradores da Maré em idade escolar que não sabem ler. "Como já havia chateado o pessoal da Light no passado, resolvi procurar um superintendente da empresa que já conheço", conta Eliana. Resultado: a Light vai entrar com parte do pagamento dos vinte professores, ponto de partida da empreitada para sanar o déficit educacional da Maré. A Secretaria Municipal de Trabalho entra com outro tanto, e comerciantes locais, procurados pela dupla acostumada a conjugar o verbo "pedir", fazem doações variadas. Quando recomeçarem as aulas, três salas novinhas em folha, erguidas com dinheiro do governo canadense, serão apenas o início de uma ampliação ambiciosa. "Nossas possibilidades são ilimitadas. Podemos acrescentar andares, crescer de verdade", diz Léa. As duas fazem plantão no Ceasm maquinando planos para o futuro. Querem mudar a cara da Maré.

Eliana Sousa e Léa da Silva

Idade: 36 e 38 anos
Profissão: educadoras

Projeto: Ceasm, centro na Maré com pré-vestibular, telecurso, aula de línguas, dança, informática e artes plásticas

Verde-e-rosa cibernética

Morador de Pilares, o estudante Carlos Eduard Santos Herguet, 19 anos, só conhecia da Man ra a fama da escola de samba. Em junho d passado, ele enfrentou quarenta minutos de sacolejo n bus 298, linha Acari—Castelo, para desembarcar num da Vila Olímpica, o bem-sucedido projeto esportivo d de-e-rosa, com uma missão peculiar. Em vez de futeb atletismo, Carlos teria de ensinar a jovens do morro manejar um mouse ou acessar programas de comput Instrutor do Comitê para Democratização da Informá CDI, o professor com jeito e timidez de menino é resp vel por oito turmas, com 192 alunos da Mangueira. Viu computador pela primeira vez aos 16 anos e, de lá par acumulou experiência de veterano. "Ganhei uma bolsa d

FOTOS DILMAR CAVALHER/STRANA

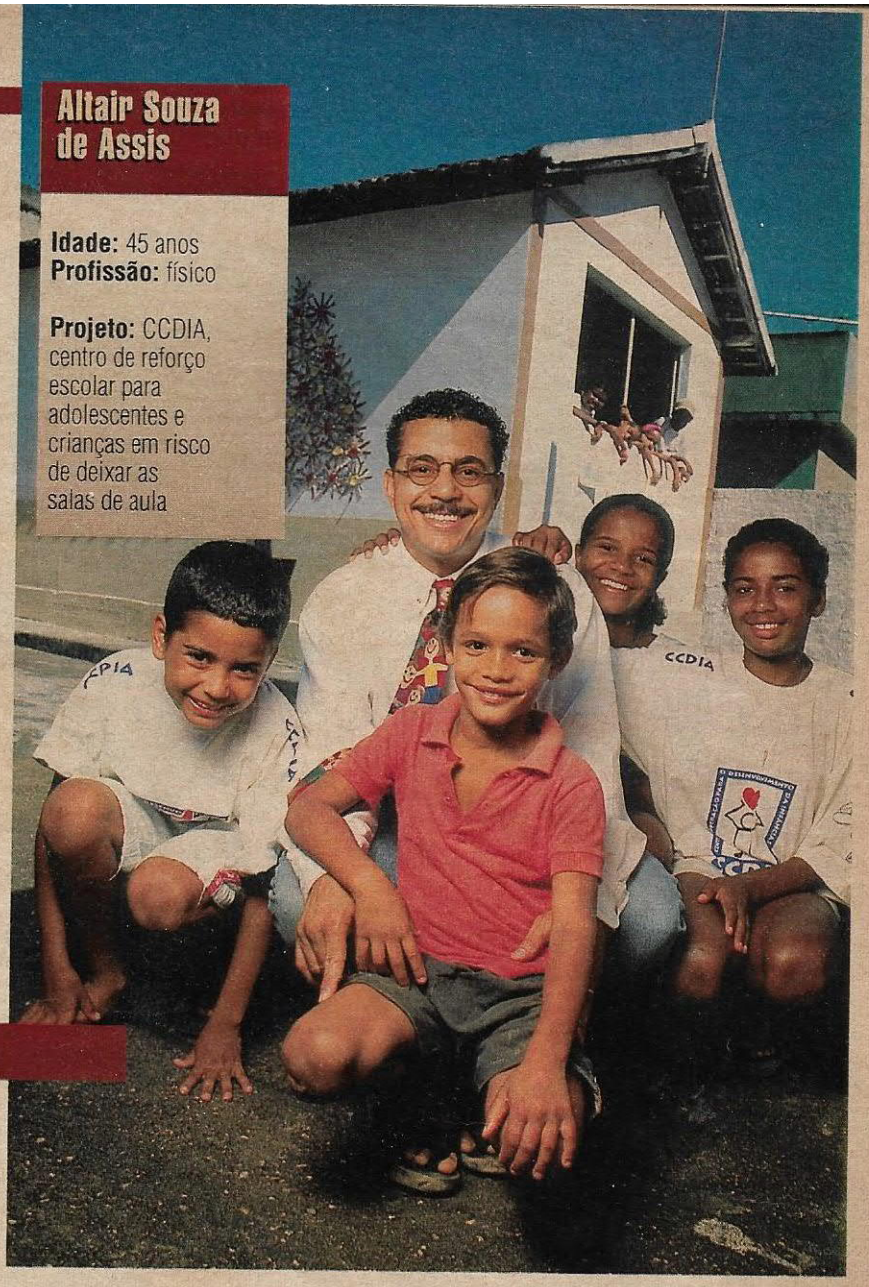
Carlos Eduardo dos Santos

Idade: 19 anos
Profissão: professor de informática

Projeto: Comitê para Democratização da Informática, que atende jovens da Vila Olímpica da Mangueira

cursinho de informática quando estava no 2º grau. Logo depois conheci o CDI e em três meses já era monitor na minha escola", conta Carlos, que, de bolsa em bolsa, passou por quatro meses de aulas na PUC e hoje está no 2º período do curso de análise de sistemas da Universidade Castelo Branco.

Carlos é um dos professores do CDI, projeto de uma ONG que atua em 46 favelas do Rio e em outras 31 de vários Estados brasileiros. "Acabamos de informatizar uma aldeia de índios guaranis, em Angra dos Reis", entusiasma-se Rodrigo Baggio, 27 anos, o pai da idéia, que surgiu em 1995, com uma modesta sala e três micros no Morro Dona Marta, e hoje já recebeu solicitações para a instalação de comitês no Peru, nas Filipinas e no Quênia. Para a turma do CDI, maior que a paixão pelos computadores só mesmo a vontade de ensinar. Carlos, que recebe 300 reais pelas aulas na Mangueira, já ajudou a formar dois alunos que foram trabalhar na divisão de informática de uma rede de supermercados e quinze jovens que hoje executam todo o processo de informatização de uma prefeitura da Baixada Fluminense. Entretanto, o acesso rápido ao mercado de trabalho nunca foi seu grande sonho: "Posso até ganhar muito dinheiro trabalhando com informática, mas quero mesmo é continuar ensinando".



Altair Souza de Assis

Idade: 45 anos
Profissão: físico

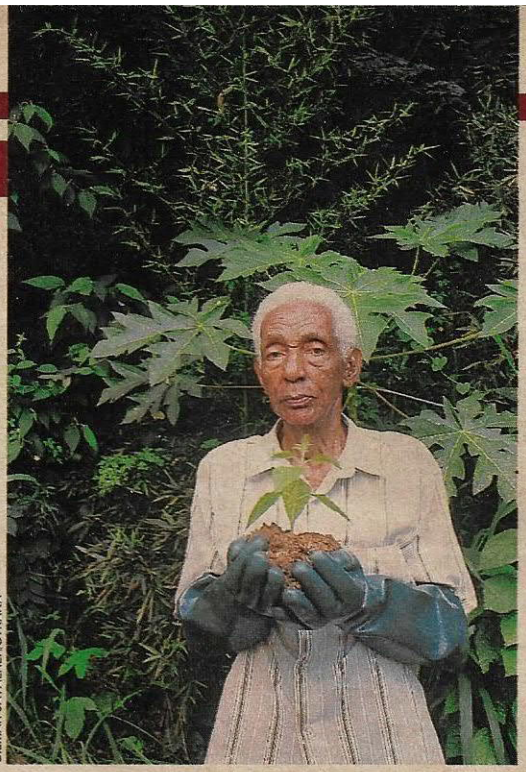
Projeto: CCDIA, centro de reforço escolar para adolescentes e crianças em risco de deixar as salas de aula

De volta para o futuro

A pilha de livros que mescla um calhamaço sobre neurologia, outro sobre crianças excepcionais e um sobre funções matemáticas está metodicamente arrumada na mesa do físico Altair Souza de Assis, 45 anos. "Nunca li Sócrates ou Aristóteles, mas sou um curioso do conhecimento", diz. Caçula de uma prole de quatro filhos que se espremia com os pais em um barraco no Corte Oito, bairro pobre de Duque de Caxias, Altair sempre foi à escola. Gostava. Trabalhou em fábrica para pagar cursinho pré-vestibular e como professor particular para poder enfiar-se nos livros. Formou-se em física. Um dia foi à biblioteca da UFF, folheou uma bíblia dos melhores centros de física no mundo e enviou cartas para cidades européias das quais mal tinha ouvido falar. Acabou fazendo uma parte do doutorado na Suíça e dois pós-doutorados, um na Áustria e outro nos Estados Unidos, onde deu palestras na Nasa. Uma idéia não saía de sua cabeça: se ele tinha conseguido, por que outros não poderiam conseguir também? Em 1994 criou o Centro de Cooperação para o Desenvolvimento da Infância e da Adolescência, CCDIA, para dar reforço escolar a crianças e adolescentes carentes. Na agitada casa de dois pisos em Niterói, uma espécie de segunda morada para Altair, há atividades esportivas, aulas de computação e inglês, além de alfabetização e apoio pedagógico.

Os números ainda causam frustração ao físico, ansioso por esticar os braços do projeto que já acolheu 1 222 crianças e, hoje, recebe 520. "Os resultados são bons. Oitenta por cento chegam aqui com riscos de deixar a escola e passam de ano. Mas ainda não podemos receber todo mundo", lamenta o professor do departamento de matemática aplicada da UFF, que acorda às 6h30 para fazer caber todas as atividades em um só dia. Altair também bate ponto nos outros dois endereços do programa, São Gonçalo e Praia de São Francisco, onde setenta meninos e meninas praticam esporte, e despenca para Duque de Caxias e Itaboraí, regiões em que o típico educador, de bigode aparado e óculos de aro redondo, ajudou a fincar o modelo do CCDIA, inclusive bancando os professores. Para sustentar o projeto, que custa 100 000 reais por ano, Altair pede para todo mundo. O lateral-direito campeão do mundo Jorginho, hoje no Japão, entra com a metade. O resto é doação de um pastor suíço, de uma ONG alemã e de amigos da universidade. "Com um pouco de dinheiro dá para fazer horrores", diz ele, que aprendeu inglês, francês e alemão na marra e, hoje, usa todas essas línguas para angariar simpatizantes para o CCDIA nos países que visita para praticar a física. Tem dado certo.

O semeador de floresta


DILMAR CAVALHER/STRANA

Moacyr Pacheco Chaves

Idade: 85 anos
Profissão: agente ambiental

Projeto: Mutirão Reflorestamento, formador de batalhões em 59 favelas para replantio de mudas da Mata Atlântica

Aos 85 anos, Moacyr Pacheco Chaves tem duas relíquias das quais não se separa. A primeira é uma bandeirola comunista meio surrada que, garante, não deixa acumular pó no interior do armário. A outra é uma pilha antiga de revistas sobre ecologia, assunto pelo qual vive castigando as cordas vocais quando, aos berros, faz discurso para a comunidade do Alto Catrambi, encravada no Maciço da Floresta da Tijuca. De uma casinha de tijolo no cocuruto do morro, onde mora com dois filhos e um neto, seu Moacyr vê um pedaço do tapete verde de 3 000 mudas que cuida como se fosse extensão de sua minúscula propriedade. Das 9 da manhã às 5 da tarde, ele atua como um enérgico encarregado do Mutirão Reflorestamento, projeto ligado à Secretaria do Meio Ambiente que, desde 1988, paga moradores de 59 favelas para replantar espécies da Mata Atlântica e evitar mais devastação. Mas seu Moacyr, que não liga para "modernidades" como o relógio de pulso, pode varar madrugadas falando sobre rios e montanhas para os 600 moradores da área em cima de uma laje ou até tratar de um ipê no meio da escuridão da floresta. "Minha missão aqui é mostrar para os moradores que verde não é papo bobo. É essencial para viver melhor, ter dignidade mesmo", afirma ele, que, dia desses, vociferou com uma senhora que queria espetar um barraco na área verde. Como sempre, enxotou a invasora.

Há sessenta anos, quando seu Moacyr, um operário do ramo têxtil, se filiou ao Partido Comunista (hoje PPS), ecologia era uma das muitas palavras de que desconhecia o significado. Havia apenas completado o primário, e o vocabulário foi alargando com o tempo. "Tive de aprender para ensinar depois para o pessoal. Agora o povo do Catrambi já sabe que não adianta nada arrancar planta para construir", diz. O respeito à cerca que separa os ipês e as aroeiras da zona residencial parece comprovar as certezas de seu Moacyr, que, neste ano, realizou um dos sonhos da juventude. Conheceu Cuba. O motivo, uma consulta com um dermatologista para tratar das unhas carcomidas por um fungo que arranjou depois de anos de cultivo da terra. Desembarcou de volta no Alto Catrambi mais afiado do que nunca. "Gente, esse trabalho com a terra não conhece fronteiras." Mas nem descontraído desfez-se do ar sisudo de cacique do verde. "Olha essa plantinha aí! Não vai pisar", suplica aos outros "reflorestadores" a quem ensinou a ciência. Não há quem não obedeça prontamente. ■

Thereza: para seus alunos balé não é hobby

Corpo de Baile do Teatro Municipal. "O balé nacional de Cuba nasceu assim, com órfãos e crianças carentes. A diferença é que eles ganharam todo o dinheiro do governo, enquanto aqui é bem mais difícil", compara a ex-integrante do balé cubano. Corrigir os *pliés* de seus alunos não é a única preocupação de Thereza. Montar salas de aula, garimpar patrocinadores, pedir doações de malhas e sapatilhas e improvisar sessões de terapia familiar também são atividades rotineiras dessa bailarina formada em Berlim, Alemanha. Em troca de um salário de 1 000 reais bancado por patrocinadores, a moça dirige o próprio carro para se deslocar entre cinco salas de aula, plantadas nas favelas da Rocinha, Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Mangueira e Quintino. Assim que o espetáculo de fim de ano terminar, Thereza sai em campo para arregimentar um médico e um assistente social que prepare os futuros bailarinos para transformações tão radicais. "Não é fácil sair do morro e entrar no Municipal ao lado de crianças de classes sociais tão diferentes. Muitas vezes, as próprias famílias querem desistir", explica.

FLÁVIA PINHO